

PIM-PAM-PUM!

DIRECTOR
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIII
N.º 648

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SÉCULO

ARCINHO

VIDA E MORTE DE S. JOÃO

DIALOGO POR MARIA ARCHER

(Coros na rua)

São João, p'ra ver as moças,
fez uma fonte de prata,
ó moças, não vão à fonte
que o santo todo se mata!

LUIZA. — Venham ver! Venham ver!
Uma marcha popular em honra de S.
João! Aqui, debaixo da janela!

(Cantos e música popular. Correm
em passos precipitados para a janela)



ANA. — É pena que partam já! Gos-
to de os ouvir! Linda música!

LUIZA. — Ó Margarida, tu que és a
sabichona cá da casa, deves saber
isto: Quantos santos têm o nome de
João?

ANA. — Ai, que graça! Então, há
mais dum São Joãozinho?

MARGARIDA. — São João Baptis-

ta e São João Evangelista. Hoje é
dia de S. João Baptista...

ANA. — É o do cordeirinho?

MARGARIDA. — Sim, é o da linda
imagem do pastorinho com o seu cor-
deiro.

LUIZA. — Tu é que nos podias con-
tar a vida de S. João. A gente ouviu
falar nele mas nem sabe, ao certo,
o que o santinho fez neste mundo...

MARGARIDA. — Pois sim. Olha. Diz
a Bíblia que S. João era um profeta
de grande fama. Fazia vida de pobre-
za, e vestia-se de peles, porque fôra,
na sua mocidade, pastor. Andava pe-
las cidades a clamar contra as mal-
dades dos poderosos, a dizer que era
preciso fazer-se penitência, emenda-
rem-se os erros antigos, dar pão aos
pobrezinhos e justiça a toda a gente.
E, ao mesmo tempo, anunciava que
em breve viria ao mundo um outro

profeta, um filho de Deus, e que era
preciso acreditá-lo e segui-lo.

ANA. — Ah! Então, S. João é mais
antigo do que Jesus Cristo?

MARGARIDA. — Sim. Apareceu pri-
meiro, e anunciou a vinda de Jesus.
É assim que nos ensina a Bíblia. Um
dia os dois encontraram-se junto do
Rio Jordão. Nesse momento fez-se o
primeiro baptismo. Foi S. João quem
o celebrou e o primeiro homem a ser
baptizado foi Jesus. Entrou no rio
Jordão e, ali mesmo, o santo lhe mo-
lhou a cabeça com a água do rio, pro-
nunciando as palavras sagradas. — Em
nome do Padre, do Filho, e do Espí-
rito Santo!

LUIZA. — E depois?

MARGARIDA. — Depois, cada qual
seguiu o seu caminho. Jesus levava
na sua companhia o outro S. João,
o S. João Evangelista. Vocês sabem





que os evangelistas são quatro: S. João, S. Marcos, S. Lucas e S. Mateus.

ANA. — E como morreu S. João? Há, não é verdade, uma peça qualquer em que aparece uma cabeça cortada, num prato, e uma mulher a dançar, e a dizer que quer a cabeça de S. João?

LUIZA. — Que horror! Tu sempre dizes cada coisa! Uma mulher a dançar e a pedir a cabeça de S. João! É lá possível!

ANA. — É sim, até tocava esta música. Eu ainda me lembro... *(Toca no piano a partitura da dança de Salomé)*.

MARGARIDA. — Oçam lá, que eu conto. Nesse tempo (isto foi há quasi dois mil anos) reinava nessas terras um monarca chamado Herodes.

ANA. — E que terras eram essas?

MARGARIDA. — Era a Judéa ou Palestina, um país situado na Ásia, junto ao mar Vermelho.

ANA. — Ah! sim, a terra dos judeus, bem sei.

MARGARIDA. — Pois o Herodes era

um rei muito mau. Vivía com grande luxo e desprezava os seus súbditos. Todo o país gemia numa enorme pobreza. E o S. João clamava, noite e dia, contra a maldade do rei e da rainha.

LUIZA. — Fazia êle muito bem.

MARGARIDA. — O rei mandou prender S. João e metê-lo numa cisterna vazia, onde as suas vozes se perdessem. Não queria ouvir aquêles clamores e imprecações! O santo conseguia perturbar a vida do poderoso monarca.

ANA. — Ah, muito se sofre para ser santo!

LUIZA. — E depois? A história da dança e da cabeça cortada?

MARGARIDA. — Ah! Pois S. João, mesmo prêso, mesmo metido na cisterna, continuava a clamar contra a maldade do rei e da rainha. Os seus brados, à noite, ressoavam cá fóra e eram ouvidos por muita gente. A rainha, quando passeava nos seus terraços de mármore, ouvia o santo a gritar, a invocar a justiça do céu contra ela. E, então, a rainha pediu ao

rei que mandasse matar S. João Baptista. Mas o rei não lhe fez a vontade, receoso de que o povo, que muito amava o santo, se revoltasse. Tinha-o prêso, esperando que S. João, ao fim de algum tempo, acabasse o seu furor; mas não queria matá-lo. A rainha tinha uma filha, Salomé...

LUIZA. — Ah! Eu conheço êsse nome; Salomé! É, então, o nome duma princesa antiga?

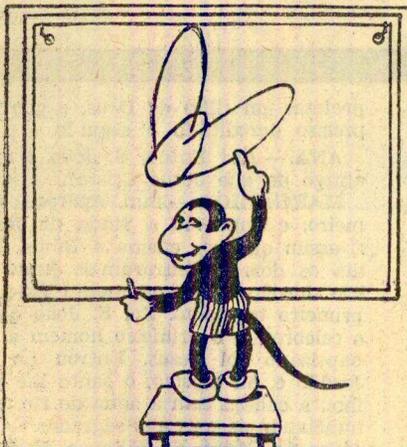
MARGARIDA. — É o nome duma princesa antiga. Era filha, da rainha e do seu primeiro marido, portanto enteada do rei. Dansava muito bem e era muito linda. A rainha mandou a filha que aprendesse um bailado extraordinário, um bailado fantástico, para dançar diante do rei. Depois, pedia ao rei, como recompensa de ter dançado tão maravilhosamente, a cabeça de S. João Baptista!

ANA. — E dançou esta música... *(Toca uns compassos)* Salomé dansou esta música...

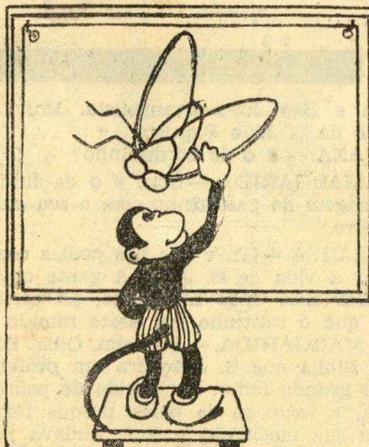
MARGARIDA. — Não tenho a certeza de ter sido essa a música que ela

(Continua na pág. 6)

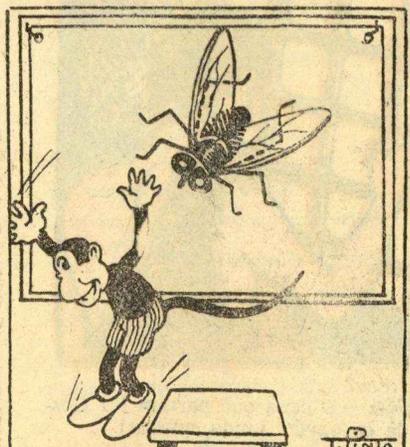
CHICO, PROFESSOR de DESENHO



Quereis vêr como se desenha com relativa facilidade uma engraçada mosquinha? Faz-se uma espécie de orelhas de burro.



... a qual, com mais alguns traços...



... dá o que desejamos. E, agora, adeus, amiguinhos, deixa-me fugir, não vá dar na môsca a môsca o comer-me, que ela parece mesmo que vem atrás de mim.

Livra!!!

Valentia e hebreza

Por Carlos Carvalho



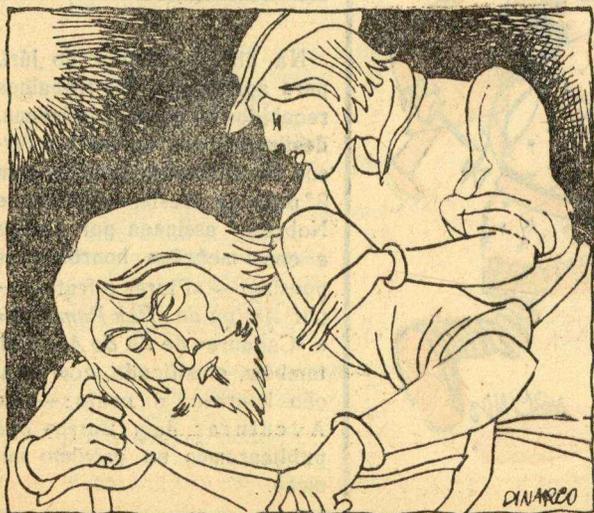
NO tempo das conquistas portuguesas,
Que encheram de belesas
As páginas da História,
Há tão nobres acções
Que os nossos corações
Batem forte ao lembrar tamanha glória.

Tão sublimados actos de bravura,
De tanta formosura,
Valor e intrepidez,
Que, quando nisto penso,
Sinto um orgulho imenso
Por ser, por ter nascido português.

Porém, dessas campanhas gloriosas,
Heróicas, assombrosas,
Os diversos cronistas
De tão sublime assunto,
Só nos dão, no conjunto,
Os factos mais notáveis das conquistas.

Mas, além dos combates principais,
Há lutas parciais,
Excelsas valentias
Que merecem menção
E só a tradição
As foi trazendo até aos nossos dias.

Praticámos aos centos, aos milhares,
Por terras e por mares,
Feitos de tanto vulto,
Acções tão estupendas,



Que até parecem lendas
E que sempre hão-de ter o nosso culto.

Por exemplo: Não longe de Pangin,
Vinte homens num fortim,
Ao verem-no cercado
Por horda numerosa,
Que ululava raivosa,
A' morte se votaram de bom grado.

Cada qual sua posição tomou
E, sublime, jurou
Todo o sangue verter
Pela Pátria querida,
Oferecendo a vida
Para mais alto o seu pendão erguer.

A peleja foi rija, extraordinária,
Feroz e sanguinária.
Os nossos são bem poucos,
Mas, em ardor e em alma,
Ninguém lhes leva a palma!...
Combatem, sem descanço, como loucos.

Nos de fora era grande a mortandade,
De dentro inda metade
Com sanha se batia;
Porém, infelizmente,
O chefe, de repente,
Com feridas mortais, no chão caía.

A hoste reduzida esmoreceu
Ao ver o chefe seu

(Continua na página 5)

O ASTRÓLOGO CHINEZ

Por LEONOR DE CAMPOS

— «Filho do Céu! — grita, chama —
Irmão do Sol! Tua perfeição é tão
grande, a tua alma é tão pura, tão
sublime, que o dragão não se atreveu
a ir desafiar o Sol!... Os meus cál-
culos nunca mentem, os astros nunca
me enganaram!... Prostremo-nos, por-
tanto, diante do mais perfeito Prín-
cipe que, até hoje, reinou no Uni-
verso!...

Desvanecido, lisonjeado pelas pala-
vras do manhoso Y-Hang, o Imperador
largou o maço e sorriu vaidosamente.
E o espertalhão não só conservou a
cabeça agarrada ao corpo, como foi
cumulado de riquezas e honrarias por
todo o resto da sua vida.

F I M



— «ENHOR — declarou o sábio as-
trólogo Y-Hang ao seu im-
perador — em breve teremos
eclipse do Sol!»

O monarca ficou aterrado:
— «Mas porquê? Porquê?»

— «Nada posso dizer a tal respeito,
ó Filho do Céu. Eu sou o mais humil-
de e rasteiro verme que o sol bendito,
alumia!... Só sei que, segundo os meus
cálculos, que nunca falharam, o mal-
dito dragão vai lutar, em breve, com
o sol abençoado...»

Isto passava-se na China, há já
muitos séculos, no palácio do Impe-
rador Y-Hang, astrólogo muito con-
siderado, que passava os seus dias no
ponto mais alto da cidade, de óculo
em punho, a lêr nos astros.

E como o consideravam infalível,
como nunca se enganára nas suas
previsões, todos acreditavam no pró-
ximo eclipse.

Ora um eclipse do sol, na China,
é sempre coisa séria. Os chineses su-
põem que o Sol se oculta, porque um
grande e mau dragão vai desafiá-lo
para luta sem quartel. Mas como o
dragão só vai desafiar o Sol quando
o Imperador da China cometeu alguns
erros, é preciso que este mostre pro-
pósitos de emenda e que todos os

chineses façam o possível por distraír
o dragão, a-fim de ser vencido pelo
Sol.

E então, nêsse memorável ano de
721, à hora marcada pelo sábio astró-
logo, todos os principais mandarins
chineses se reuniram em volta do
Imperador.

Armados de arcos e flexas, aponta-
dos ao Sol, com o Imperador empu-
nhando um maço enorme para bater
num grande tambor, esperavam ansio-
sos o eclipse. Por tódas as cidades, vi-
las e aldeias, os habitantes, munidos
dos mais estranhos e ruidosos objectos,
preparavam-se também para ajudar
o Sol a vencer o dragão.

É a hora do eclipse. Tudo está a
postos: olhos no ar, braços levanta-
dos, cabelos em pé, mas... Longos mi-
nutos decorreram. O fenómeno não
se produzia!... O Imperador, um tanto
desconfiado, volve rápidos olhares sô-
bre os mandarins. Estes, por seu turno,
miravam o astrólogo.

Y-Hang sente-se perdido. A imagi-
nação representa-lhe já a sua bela
cabeça decepada, o seu corpo ainda
rijo, cortado em pedacitos, as suas cin-
zas espalhadas aos quatro ventos.

Então, de repente, atira ao chão os
instrumentos de trabalho e corre para
o Imperador.

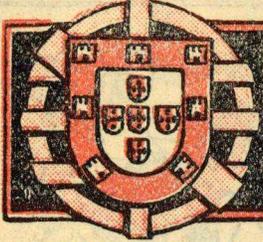


CONCURSOS QUINZENAIS

DE POESIAS

E CONTOS INFANTÍIS

Na última reunião do Júri,
para apreciação dos trabalhos
recebidos na passada quinzena,
destinados aos nossos concu-
rsos, foi deliberado premiar com
2.º prémio a poesia: — «Valentia e
Nobreza» assinada por Carlos
e com menções honrosas as
poesias: — «Flores e frutos» —
por Amiga do «Pim-Pam-Pum»
e «Candura» de Zê do Ave. Foi,
também, classificado, com men-
ção honrosa, o conto: — «As
Aventuras dum Burro» que
publicaremos no próximo nú-
mero.



COSTUMES PORTUGUESES

TIPOS DA BEIRA-ALTA



Beira-Alta, fértil rica
provincia de Portugal,
onde o povo se dedica
ao culto do seu bragal.

Eles com seus chapeirões,
calça e jaleca em burel,
de cajado e com surrões,
faixa negra e saquítel.

Elas com seus aventais
e saias muito rodadas;
ariscas aos madrigais
mas, mesmo assim, requestadas.

OS NOSSOS CONCURSOS

ENCONTRAI RIMAS E FIXAI CONCEITOS

Por JOSINO AMADO



—«Viver, sementando o Bem,
Eis dos homens o destino!»
Dizia-me a minha m...
Quando eu era pequen...!

Se tôda a gente da terra
Praticar esta verdade,
Nunca mais teremos gu...
Haverá felicid...!

VALENTIA E NOBREZA

(Continuado na página 3)

Sem os poder guiar;
E viu-se, nêsse instante,
Beijar o comandante
Um filho de quinze anos, a chorar.

Depois disto fazer, tirou a espada
Da mão ensangüentada
Do pai estremecido;
Ao coração, desfeito,
Chegou-a com respeito
E ergueu-a num gesto decidido.

A seguir, apontando p'rá bandeira,
Falou desta maneira
Aos companheiros seus:
— «Por ela venceremos
Ou, então, morreremos,
Honrando, assim, a Pátria e o nosso Deus!»

Os seus, electrizados, logo o seguem.
E depressa conseguem
Fazer forte razia
Na numerosa malta
Que a fortaleza assalta,
E vão fugindo em louca correria.

Assim, a nossa tropa reduzida.
Os levou de vencida.
E heróica, colossal,
Mais uma vez ergueu
A's alturas do céu
O nobre e sublimado Portugal.

O português dá, pelo seu País,
De bom grado, feliz,
A vida, sorridente;
Não há, p'ra nossa glória,
Outro povo na História,
Tão ousado, tão digno e tão valente.

Punhamos Portugal juntinho aos astros
e beijemos, de rastros,
Tão sagrado torrão;
Em prece, de joelhos,
Todos, novos ou velhos,
Ergamos-lhe um altar no coração.

F

I

M



O CESTINHO DA COSTURA

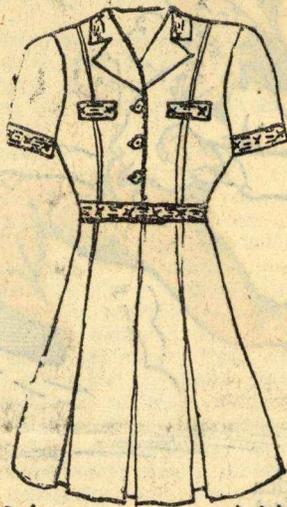


SECÇÃO PARA MENINAS POR ABELHA MESTRA

Como o teu segundo exame só deve ser no fim de Julho, espero, que o modelo ainda vá a tempo de ser executado e estreado neste dia tão solemne, e por cujo êxito te desejo as maiores felicidades.

Aqui tens, portanto, êste bonito modelo, que te fará um fatinho muito engraçado.

Não perderei tempo a explicar-te como se faz, pois, certamente, por muito habilidosa que sejas, não é ainda trabalho para ti. Por isso, a tua mãezinha se encarregará de confeccioná-lo



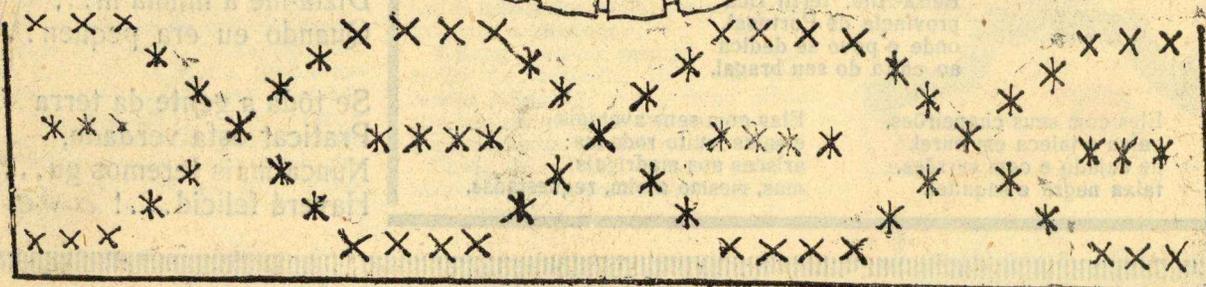
e de deixar-te, entretanto, o quinhão que te compete; isto é, as tirinhas para bordar a ponto-cruz, conforme o desenho que vai junto.

Nessa barrinha, bordas, com *filoselle* azul, os pontos simples e, com *filoselle* encarnada, os que levam a indicação de um traço ao meio.

Se essas cores não disserem bem com a fazenda, escolherás outras duas cores que se harmonisem.

Abraça-te a sempre amiga

ABELHA-MESTRA



VIDA E MORTE DE S. JOÃO (Continuado da pagina 2)

dansou... Mas essa ou outra, dansou-a à noite, depois do banquete, com a sala iluminada por mil luzes, as flores trbordando nos vasos de prata, a baixela de ouro e pedraria cintilando nas mesas, os divans de marfim e damasco de seda, com os altos personagens convidados... Salomé apareceu para dançar. Trazia em volta da cintura, caídos até ao pé, sete véus de gaze doirada. Por isso, a sua dança se chama dança dos sete véus...

ANA. — Eu já vi no teatro... É muito linda...

MARGARIDA. — Quando acabou de dançar, o rei aplaudiu-a. Todos os convidados a aplaudiram entusiasticamente. O rei disse-lhe que pedisse uma recompensa: «O que eu quiser? Dá-me o que eu quiser?» pediu Salomé.

«Dou-te o que quiseres», disse o rei. Então, Salomé pediu-lhe, como recompensa da sua dança maravilhosa, a cabeça de S. João Baptista!

ANA E LUIZA. — Ah!... Que horror!

MARGARIDA. — Não tardou a entrar um escravo com uma bandeja de prata nas mãos e a cabeça do santo, ensangüentada, na bandeja. Salomé pegou na bandeja e, com ela nos braços, terminou o seu bailado fatal. São João morreu degolado no fundo da cisterna. Agora, já a Rainha não tornaria a ouvir os brados do santo que pedia pão e justiça para o povo. Assim morreu o nosso Joãozinho... o querido santo...

LUIZA. — E porque se festeja êste com folguedos populares, fogueiras, fogo de artifício e tantos outros divertimentos?

MARGARIDA. — Sabes?... E' hábito antigo do povo gostar de se divertir. No começo do verão, sabe bem dançar ao ar livre, e prolongar a festa pela noite fóra. Ora, de noite, não há nada mais bonito do que acender lumes, fogueiras, balões, e tôdas as fanta-

sias luminosas. E como S. João é um santo muito estimado, o povo honra o seu dia com manifestações de prazer, dedicando-lhas.

LUIZA. — *(Aplaudindo)*. — A Margarida é uma sábia!

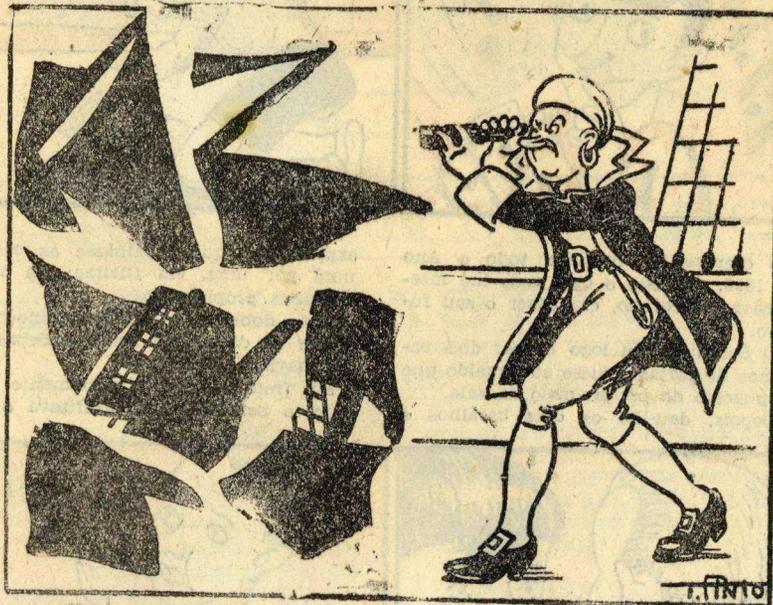
ANA. — *(Aplaudindo)*. — Deixa estar que quem conta a história de S. Pedro, sou eu!

MARGARIDA. — Oçam! Oçam! Lá vem o rancho a cantar! *(Ouvem-se cantos e filarmónicas)*.



Curiosidades

CHARADA—PROBLEMA



Que será que o terrível pirata «Ventas de Presunto» estará a vêr? Ora, mas que será?! Se os leitorzinhos quiserem saber, recortem, com cui-

dado, todos os bocadinhos prêtos que se vêem na gravura e juntem-nos, procurando a forma do objecto a que o corsário presta tanta atenção.

CURIOSIDADES

Na parte septentrional da Finlândia, há uma pedra que serve de barómetro. Quando está para chover, enegrece, cobrindo-se de manchas brancas quando o tempo está sêco.

ENIGMA PITORESCO



Formar uma frase com as figuras acima.

Coelho a cacador

ANIMAIS PRE-HISTÓRICOS ANTI-DILUVIANOS

RHAMPHORHYNQUE

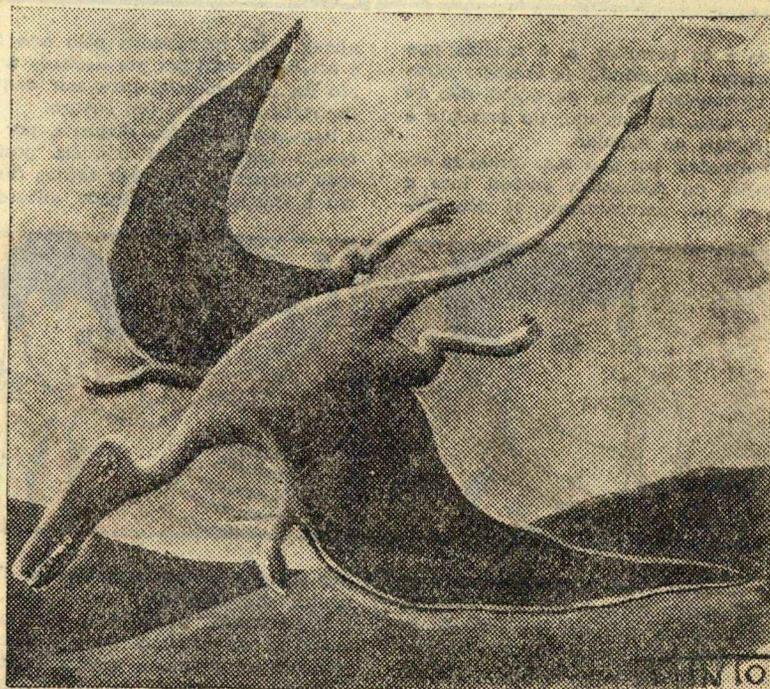
Mais outro monstro da fauna pre-histórica.

Como vêdes, êste, tal como o morcego, possuía umas asas sem penas, claro está, formadas por uma membrana delicadamente plissada. Tinha um crânio longo e uns dentinhos pequenos, que, a-pesar de finos, se nos apanhassem, — hein?...—digo eu cá isto... Possuía, como vêdes, uma cauda exquisita, do feitio duma seta, e nas patas cinco dedos, reunidos por uma membrana, como a dos patos. Pertenciam êstes horríveis e enormes bichos, à família dos Pterosáurios. Viveram no período Jurássico da época terciária, que é uma das quatro idades da terra, não sei se sabem,

Lê, minha menina...

CORRESPONDENCIA

Maria Henriqueta S. de Vas Coimbra—Já entreguei a tua carta à Abelha-Mestra. Não estou muito contente contigo, sabes?... Vou escrever-te uma cartinha em particular. Tanta vez tenho dito que a mentira é um dos principais defeitos. Espero que te emendes. Por enquanto ainda não

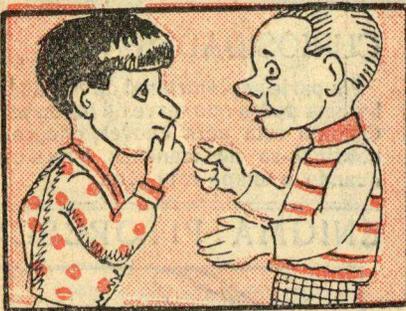


teps a minha amizade, e só a terás quando fores uma menina perfeita. Penso muito em ti. Não rales a tua mãe.
Lili Moreira—Recebi uma carta da

tua tia, na qual me afirma que estás muito mais obediente desde que lês esta secção. Não imaginas a satisfação que senti. Vou responder á carta.

UMA SESSÃO DE CARTOMÂNCIA

POR ISABEL AREOSA



O Sebastião recebeu a visita do Arnaldo e disse-lhe que, se ele se prontificasse a fazer parte duma sessão de cartomância, lhe diria o 'opressor o — presente e o futuro.

O Arnaldo ficou radiante e disse logo que sim. Ele tinha muito empenho em saber que brinquedo é que os pais

lhe ofereceriam durante todo o Ano de 1938, por isso o que mais lhe interessava, sobretudo, era saber o seu futuro.

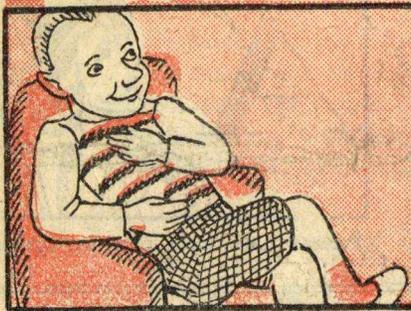
O Sebastião foi logo buscar dois baralhos de cartas e disse ao Arnaldo que se puzesse de pé, no meio da sala.

Depois, deu-lhe os dois baralhos e

explicou-lhe que espalhasse as cartas, uma por uma, em fileiras, em volta dos seus próprios pés.

Todo dobrado, o Arnaldo começou a dispôr as cartas tal como o Sebastião lhe havia indicado.

Em frente, muito comodamente sentado, o Sebastião não desfitava o Ar-



naldo e os baralhos, e, à medida que as cartas iam saindo, ia fazendo caras de apreensivo, como de quem não vê boas coisas no passado, no presente e no futuro do Arnaldo.

O Arnaldo, por sua vez, vendo as expressões do Sebastião, entrou logo a pensar que, naturalmente, já não apa-

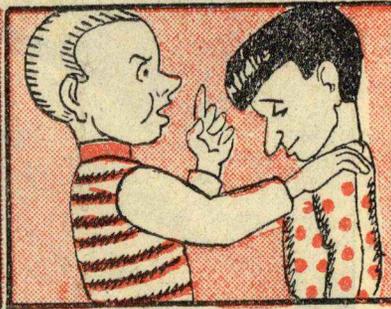
nhava mais brinquedos pelo ano fóra e estava ansioso por ver acabada a sessão de cartomância, para sair daquela incerteza e saber o seu futuro.

Por isso quando, ofegante por ter estado tanto tempo naquela posição, todo dobrado, a espalhar tantas cartas, viu a sua tarefa terminada, encarou o

Sebastião e ficou suspenso do que ele lhe iria predizer.

Muito solenemente, o Sebastião levantou-se e participou-lhe:

— «O teu passado é que te prestaste a esta sessão de cartomância e espalhaste dois baralhos de cartas em volta de ti mesmo.»



O Arnaldo ficou satisfeitiíssimo com esta primeira parte e respirou aliviado, porque estava com um certo receio de que o Sebastião lhe descobrisse no passado muitas das suas partidas que estavam em segredo.

O Sebastião continuou:

— «O teu presente é que te encontras no meio destas cartas, tôdas espalhadas em tua volta.»

O Arnaldo já não achou muita graça a esta segunda parte e ardia em ânsias

por saber o seu futuro que ia, finalmente, desvendar-se.

O Sebastião, gozando a ansiosa expectativa do Arnaldo, fazia demorar a predição do futuro e coçava a cabeça, pestanejava, franzia as sobrancelhas...

— «Então?...» — perguntou o Arnaldo, num tom de voz suplicante.

— «Coragem, amigo — animou o Sebastião. — O teu futuro será... será... será... — Há horas de azar na vida! A vida é cheia de revezes!»

— «Estou preparado para tudo;» declarou, resolutamente, o Arnaldo.

Dize-me, pois, o meu futuro!»

— «Pois seja!» — exclamou o Sebastião. — «O teu futuro consiste em teres de apanhar as cartas tôdas dos dois baralhos, que tu próprio espalhaste à tua volta...»

E o Sebastião safou-se, aos pinotes, sem perda de tempo, para escapar à fúria do Arnaldo...